



O noroeste gaúcho na TV: a RBS TV Santa Rosa¹

ENNINGER, Rossana Zott (Mestranda)²
Universidade Federal de Santa Maria/RS

CORRÊA, Rogério Saldanha (Mestrando)³
Universidade Federal de Santa Maria/RS

Resumo: O artigo pretende discutir aspectos históricos e sociais da televisão, realizando tensionamentos entre a história e os processos culturais que influem no rumo tomado pelas emissoras de televisão. Entende-se que os aspectos históricos devem ser vistos em conjunto com os culturais, partindo então do materialismo histórico para o materialismo cultural. A partir da contextualização no Brasil, realizar uma breve historiografia do desenvolvimento das emissoras de televisão no Rio Grande do Sul e, a partir desta, da RBS TV Santa Rosa. A emissora foi inaugurada em 1992, a mais recente das emissoras do Grupo RBS no estado. Como eixo teórico do trabalho, o materialismo cultural de Raymond Williams mostra que a cultura ocupa papel central no cotidiano. Justamente nesse processo histórico e cultural que se observa a relação entre emissora e telespectadores, com a aproximação através das filiais e culturalmente com os conteúdos veiculados.

Palavras-chave: Televisão; RBS TV Santa Rosa; Comunicação; História.

Considerações introdutórias

Desde a década de 1950, quando do seu surgimento e emissão das primeiras imagens no país, a televisão faz parte do cotidiano das pessoas. Esta característica torna-se uma das principais razões para que se adote a TV como fonte importante de pesquisas e estudos na área da comunicação. Compreender seu surgimento, seu desenvolvimento, as linguagens e as características de cada programa se tornam objetivos a serem traçados não apenas na academia, como também por aqueles que fazem a sua programação diariamente.

¹ Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Audiovisual e visual, integrante do 5º Encontro Regional Sul de História da Mídia – ALCAR Sul 2014.

² Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo. Mestranda no Programa da Pós-graduação em Comunicação na UFSM. Integrante do GP Audiovisualidades e estudos culturais registrado CNPq/UFSM. E-mail: rozenninger@gmail.com

³ Bacharel em Comunicação Social – Relações públicas. Mestrando no Programa da Pós-graduação em Comunicação na UFSM. Integrante do GP Audiovisualidades e estudos culturais registrado CNPq/UFSM. E-mail: rogeriosaldanha.rp@gmail.com



Este artigo tem a finalidade de realizar uma contextualização historiográfica do surgimento da televisão no noroeste do Rio Grande do Sul, especificamente na região de Santa Rosa, onde em 1992 foi inaugurada a “última” emissora da RBS TV no estado, que conta com a mesma apresentadora à frente do telejornal do meio dia, o Jornal do Almoço, desde a sua primeira transmissão. Para chegar até Santa Rosa, considera-se necessário realizar, ainda que brevemente, uma linha cronológica dos principais acontecimentos que marcaram a televisão, a nível nacional e estadual.

O aporte teórico do trabalho consiste no materialismo cultural, proposto por Raymond Williams (1979), que preconiza a centralidade da cultura, a partir do que é realmente vivido pelos sujeitos, seus modos de vida e experiências, das crenças, valores e significados, que compreendem, também, os processos políticos e econômicos, além do sócio histórico.

Grosso modo, a sociedade sofre alterações tanto históricas quanto culturais, o movimento de interiorização das emissoras de televisão não deve ser visto apenas como um processo natural. Há tensionamentos culturais e históricos que motivam tal processo, cabe a este artigo refletir acerca do ocorrido na região noroeste do estado gaúcho.

A televisão também chega ao noroeste: uma breve historiografia

A televisão no Brasil tem como marco histórico importante o dia 18 de setembro de 1950, data em que foi inaugurada a PRF-3 TV Difusora, mais tarde TV Tupi de São Paulo, a primeira emissora de televisão do país. A televisão surge principalmente como uma estratégia e visão de mercado de Assis Chateaubriand e dos Diários e Emissoras Associados.

Programas de auditório, novelas, entrevistas e *shows* eram as atrações dos primeiros tempos. Mas as notícias, assim como no rádio e no impresso, também ganhavam espaço. Segundo Paternostro (2006), o telejornal brasileiro veio junto com a TV Tupi, ainda em 1950. O primeiro deles, o Imagens do Dia, ficou apenas cerca de um ano no ar. O principal destaque da época foi o Repórter Esso, que teve início em 1953



na Tupi. A “testemunha ocular da história” saiu do rádio, porém, mesmo com a migração de meio, já trazia consigo uma linguagem mais televisiva, o que contribuiu para o sucesso do programa que se manteve no ar até 1965.

Contudo, esses programas eram transmitidos para um número pequeno de telespectadores, limitados ao eixo Rio-São Paulo. O primeiro telejornal transmitido em rede nacional através das afiliadas da Rede Globo e do sistema de satélites da Embratel, o Jornal Nacional, estreou em 1969. Como acrescenta Paternostro (2006, p.38), o Jornal Nacional continua líder de audiência porque “foi o primeiro a apresentar reportagens em cores; o primeiro a mostrar imagens, via satélite, de acontecimentos no mesmo instante em que eles ocorriam; o primeiro a ter correspondentes internacionais”.

Para que as redes pudessem se tornar nacionais, era preciso que a televisão se desenvolvesse também nos outros estados do país. No Rio Grande do Sul, especialmente, a primeira emissora de televisão foi ao ar em 20 de dezembro de 1959. A TV Piratini era mais uma das iniciativas do empresário Assis Chateaubriand, integrada ao primeiro conglomerado de comunicação do país e uma das nove emissoras de TV que operavam no Brasil na época. Como nas emissoras que antecederam a gaúcha, programas de variedades, jornalismo e entretenimento, especialmente de teledramaturgia, faziam parte da programação, muitos adaptados das produções do sudeste (BERGESCH, 2010).

Conforme Finger (2009), em 29 de setembro de 1962 foi inaugurada a segunda emissora no estado, a TV Gaúcha, do jornalista e empresário da área de rádio, Maurício Sirotsky Sobrinho. Disputando audiência com a TV Piratini, Maurício Sirotsky encontrou na valorização da produção local uma maneira de conquistar o público.

A TV Difusora, terceira emissora a entrar em operação no estado em 10 de outubro de 1969, tinha o controle acionário sob a Ordem dos Freis Capuchinhos e dos superintendentes Salimen Júnior e Walmor Bergesch. A Difusora foi a primeira a fazer uma transmissão em cores no país, durante a inauguração da Festa da Uva, em Caxias do Sul, em 1972 (FINGER, 2009).

Na década de 70 iniciam as transmissões da TV Educativa, que tem sua programação voltada para a cultura e educação, através de um convênio com a



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, servindo desta forma também como laboratório para os alunos do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social.

Já em 1979, a empresa de comunicação Caldas Júnior entrou no mercado com a Televisão Guaíba, sem ligação com emissoras do centro do país e apostando na programação regional, com um forte investimento em conteúdos culturais, jornalísticos e esportivos (FINGER, 2009).

Por fim, em 1980 foi inaugurada a TV Pampa, como a última tentativa de uma televisão verdadeiramente local. Pertencente à Rede Pampa de Comunicação do empresário gaúcho Otávio Gadret, que, até então, atuava na área de rádio, a independência da emissora durou apenas três anos (FINGER, 2009).

Embora tentassem se manter independentes e produzindo conteúdos locais,

Disputando um mercado cada vez mais competitivo e localmente restrito, as nossas emissoras passaram cada vez mais a veicular através de si, como um canal mesmo, as imagens globais que já não nos surpreendem e, deixando para trás inúmeras representações da sociedade local/regional... (Kilpp, 2000, p. 55 *apud* FINGER, 2009).

As emissoras gaúchas não sobreviveram ao “sistema” das redes nacionais. Na década de 1980, a TV Piratini deixou de existir, assim como o “império” de Chateaubriand, e o canal de Porto Alegre passou para o SBT de Sílvio Santos. A TV Gaúcha, primeira afiliada da Rede Globo em 1967, torna-se RBS TV em 1982. A TV Difusora é comprada pelo Grupo Bandeirantes. Em 1983 a TV Pampa afilia-se a Rede Manchete, depois passa para a Rede Record em 1997 e, em 2007, afilia-se a Rede TV! e passa a produzir o maior número de horas de programação local no estado. A TV Guaíba foi vendida para a Rede Record em 2007 e a TVE transmite programas da TV Cultura de São Paulo e da TV Educativa do Rio de Janeiro (FINGER, 2009; BERGESCH, 2010).

O que se percebe é que embora se instalassem localmente, as emissoras acabaram formando sistemas maiores, que seriam capazes de integrar um maior número de pessoas. Foi assim com Chateaubriand, com a TV Tupi e os Diários, como também com o, agora, Grupo RBS, que desde o início preocupou-se em desenvolver uma rede



de televisão, de forma que estendesse sua cobertura para todo o Rio Grande do Sul (e em Santa Catarina). Em mais de 50 anos de RBS, o grupo tem 12 emissoras no estado: Porto Alegre, Caxias do Sul, Santa Maria, Erechim, Pelotas, Uruguaiana, Bagé, Rio Grande, Cruz Alta, Passo Fundo, Santa Cruz do Sul e Santa Rosa.

A última das emissoras inauguradas pelo Grupo RBS é a de Santa Rosa, na região noroeste. A concessão para o funcionamento foi outorgada pelo governo federal em 1990, mas a emissora só foi inaugurada em 28 de agosto de 1992.

O estúdio foi construído em um terreno doado pela prefeitura da época, uma plantação de soja, e o sinal da TV era disponibilizado para cerca de 600 mil habitantes da região, de 65 municípios inicialmente. Antes de se tornar emissora, Santa Rosa era uma sucursal da RBS TV Cruz Alta, com um cinegrafista e repórter para dar conta de produzir as notícias de toda região.

Como explica a apresentadora e coordenadora de telejornalismo da RBS Santa Rosa, Lisiane Sackis (2012), a região de cobertura da TV não tinha (e ainda não tem) faculdade de jornalismo ou de comunicação, dificultando os primeiros passos no noroeste, por falta de pessoal capacitado. Depois do projeto “caras novas”, a então professora de Letras Lisiane integrava a equipe que iria diariamente apresentar as notícias da região, onde continua atualmente.

A RBS TV Santa Rosa, atualmente, produz e veicula um bloco do Jornal do Almoço, do RBS Notícias e o boletim Redação RS, que são assistidos nos 69 municípios da sua área de cobertura.

É válido ressaltar que, embora as outras emissoras que atuam no estado também tenham suas sucursais no interior, a região noroeste não conta com nenhuma TV geradora de conteúdos aqui localizada. Podem-se sintonizar esses canais, em alguns municípios, a partir das antenas repetidoras do sinal por elas enviado.

O materialismo cultural

A preocupação em atualizar um sistema de pensamento, verificando sua legitimidade presente, e dando-lhe nova forma de acordo com as transformações pelas



quais passa a sociedade, historicamente e de maneiras estruturais, de onde tira sua substância lógica, faz dessa contínua atualização sua necessidade. Raymond Williams, ao desenvolver o que chamou de materialismo cultural, percorreu este caminho, tão difícil na teoria quanto controverso na prática, pois exige uma reformulação de conceitos muitas vezes bastante valorizados, colocando em dúvida posições largamente difundidas e gerando dificuldades de ordem tanto acadêmica quanto política.

Raymond Williams nasceu em uma comunidade rural, em Pandy, na fronteira entre o país de Gales e a Inglaterra. Neto de agricultores, seu pai trabalhava na ferrovia. Williams é o primeiro a notar o papel determinante que este lado não burguês influía em sua concepção de sociedade e cultura. Ele vai dessa formação social para o confronto com o ápice da cultura de elite inglesa, ao ganhar uma bolsa de estudos em Cambridge. É a partir de sua visão diferenciada sobre o mundo e a sociedade que ele se distancia do pensamento de elite e propõe novos olhares sobre o meio.

Williams escolhe o título de sua teoria embasado em aspectos relevantes observados em outras disciplinas, mas é principalmente em Marx, tomando o seu materialismo histórico como base, que alicerça sua principal teoria, o materialismo cultural.

Williams traz a questão da base e da superestrutura, trabalhada por Marx, em um ensaio em 1973, e o expande no livro de 1997, onde ele estipula os passos teóricos para a formulação do materialismo cultural. Especificar a relação entre o mundo material e a significação é a porta de entrada para se compreender o que ocorre efetivamente na vida social e para se contrapor às descrições que falseiam essa realidade.

No momento da articulação do materialismo cultural, é preciso deslocar as descrições apenas aparentemente opostas: de um lado o mundo material, abstraído como o social, um conjunto de determinações que existem fora do presente, ainda que o estruturam, um conjunto conhecido e fixo, de outro, o campo do que escapa ao entendimento racional, o que se dá "aqui e agora", transformando em campo do subjetivo, que, para ser teorizado, faz sugerir outras abstrações como a imaginação, o inconsciente". Nos dois casos dificulta-se a apreensão da cultura como constituinte da realidade social. É preciso reelaborar os achados de Marx em especial sua percepção fundante de que o ser social determina a consciência- para desmontar oposições estereis que emperram a teoria da cultura (CEVASCO, 2001 p 179).



Grosso modo, o sujeito não pode se abstrair de sua carga cultural, mesmo que esteja por um momento isolado, as influências culturais permeiam as relações e as direcionam, ainda que de maneira imperceptível. O ser não é resultado de si, mas de uma soma de crenças, valores e ideologias, ou seja, da cultura. Compreende-se que a formação da subjetividade se dá em conjunto, isto é, afetada pelo materialismo cultural, que por sua vez, remete diretamente aos acontecimentos históricos. O sujeito é resultado de somas culturais, mas muitas vezes valoriza o que vem do seu local “da sua terra”, por isso as emissoras de televisão formam as filiais.

Seguindo o raciocínio sobre o materialismo cultural, Cevasco disserta:

O materialismo cultural de Williams se abstém de reconhecer um estatuto especial para as obras literárias: a questão é examinar as relações entre as condições materiais de produção e de recepção das obras sem colocar nenhuma condição que as coloque à parte, em um domínio separado da vida social, mesmo que for para elevá-la como promessa de liberação humana (CEVASCO, 2001, p.179).

Observamos então que, para o materialismo cultural de Williams, além da produção ou reprodução cultural, há uma estrutura que é formada e formadora da cultura. Para Cevasco (2001, p.148), “o objetivo do materialismo cultural é definir a unidade qualitativa do processo sócio histórico contemporâneo e especificar como o político e o econômico devem ser vistos nesse processo”.

Compreender as mudanças históricas também é entender o momento de transição dos conteúdos, que, primeiramente nacionais, depois realizados pela capital do estado, ganham formas e produções específicas para determinada região. Como por exemplo, o Jornal do Almoço que tem sua versão exclusiva à região noroeste do estado do Rio Grande do Sul, por meio de um bloco de produção local.

O materialismo cultural que Raymond Williams propôs é uma formulação central de uma nova teoria à cultura e coloca-nos, na própria formação da expressão, um problema inicial bastante polêmico. O “Materialismo” faz referência ao materialismo histórico, proposto inicialmente por Karl Marx, teoria que busca a articulação das esferas da sociedade a partir de um olhar totalizante. Não se trata aqui de uma esfera específica, mas das relações entre essas esferas e de cada uma delas (da família com a



religião e etc.) com o todo, ou seja, com a história. “Cultural”, por sua vez, refere-se à cultura, uma das esferas da sociedade.

Com o esforço de unir essas duas esferas, analisa-se o movimento de interiorização das emissoras de televisão, em conjunto com o visível desejo dos telespectadores em ter conteúdos vinculados à sua região. Ou seja, os processos históricos e culturais atuam em conjunto, primeiramente no desejo do conteúdo e posteriormente no atendimento da demanda por parte das emissoras de televisão.

Cabe salientar que cada região tem sua programação local afetada, por exemplo, pelo tipo de colonização exercida. A região de Santa Rosa pode ser considerada multiétnica, já que atraiu colonizadores russos, alemães, poloneses, italianos..., além dos índios próximos, nas reduções dos Sete Povos. Estas características influenciam desde a composição do cenário do estúdio (que inicialmente contava com a imagem das ruínas de São Miguel das Missões) até na produção de reportagens especiais, com as que abordaram a comemoração do Centenário da Imigração Russa no Rio Grande do Sul, em Campina das Missões, em outubro de 2009.

Televisão e a aproximação com o local

Bergesch (2010), no seu trabalho a respeito da história da televisão no Rio Grande do Sul, afirma que a condição local sempre foi uma particularidade que acompanhou o desenvolvimento do veículo, desde os seus primeiros passos. Isto porque, segundo ele, o Sul se diferenciava justamente pelo fato de que “o público esperava e exigia programas locais, bem identificados com suas comunidades” (BERGESCH, 2010, p.233). Essa é a razão, principalmente, de as emissoras de televisão gaúchas voltarem-se para o gosto local e produzirem conteúdos específicos e com características especiais, numa construção em que o público pudesse ali se identificar de alguma maneira.

Conforme Cruz (2006) por meio dos programas telejornalísticos a emissora demonstra sua preocupação e interesse no local, veiculando informações que sejam do interesse de cada região. Nesse sentido, procura intercalar blocos de produção estadual e



também de produção local, especificamente gerados para cada região de abrangência das suas emissoras no interior.

Cabe-nos destacar, primeiramente, o que seria uma televisão regional. Bazi (2001, p.16) considera TV regional “aquela que retransmite seu sinal a uma determinada região e que tenha sua programação voltada para ela mesma”. Isto quer dizer, segundo o autor, que a emissora regional tem o compromisso de trazer em sua programação conteúdos que sejam de interesse da comunidade regional e que esteja vinculada com esta, contribuindo para o desenvolvimento social e cultural da população local.

Dessa forma, as emissoras do interior, embora regionais, conseguem dar mais ênfase para os assuntos mais próximos da sua sede, que neste caso é a cidade de Santa Rosa. Assim sendo, Coutinho (2007) afirma que os conteúdos acabam sendo locais, e não regionais. Sobre este mesmo aspecto, Bastos da Silva complementa dizendo que:

[...] as tevês regionais por uma série de questões procuram dar cobertura maior para a cidade mais importante da sua região. Este fato tem gerado muitas críticas e discussões sobre o papel que as emissoras deveriam prestar para a região. As empresas se defendem afirmando que não possuem equipes suficientes para realizar uma cobertura cabal ou às vezes não se justifica enviar uma equipe para um município muito distante sem haver razão maior (BASTOS DA SILVA, 1997, p. 61 *apud* BAZI, 2001, p.16).

Todavia, Bazi (2001) explica que a programação das emissoras regionais está atrelada às brechas na programação da rede nacional. A RBS TV produz conteúdo em horários predeterminados pela Rede Globo, de quem é afiliada. Por sua vez, a RBS TV Santa Rosa depende das normas da matriz em Porto Alegre/RS para veicular suas produções em horários pré-determinados. Conquistar uma maior autonomia em relação à grade de programação para veicular seus conteúdos é um desafio para as TVs regionais, sobretudo, pelos altos custos que essa produção demanda. Uma das estratégias para obtenção de receitas passa pelos anunciantes publicitários, conquistados na região fundamentalmente.

Mas é através das emissoras regionais que as Redes conseguem manter sua audiência e o vínculo com a comunidade. E é justamente conhecendo o público que é possível construir essa ligação, entre o conteúdo nacional e o regional. Como explicam



Falgetano e Costa,

Aproveitar as potencialidades e valorizar os aspectos latentes e potenciais das comunidades, usando a ação mobilizadora da TV para ampliar e dar presença no vídeo ao cidadão. Cumprir sua função de prestadora de serviço, apresentando um conjunto de atividades para que a emissora possa se vincular com seu público; acima de tudo com segmentos mais populares, realizando coisas simples que mobilizem a cidade, criando assim um nível de simpatia e fixação de marca. O apoio de anunciantes para as ações e atração de verbas corporativas dos empresários locais para mostrar o tipo de contribuição que dão à sociedade levarão à produção de uma programação cada vez mais local (FALGETANO E COSTA, 1999, p.38 *apud* BAZI, 2001, p.62).

A partir deste vínculo com o local e a qualidade no conteúdo produzido é possível conquistar a audiência e, com ela, se construir a credibilidade e a respeitabilidade que a emissora procura. Traquina (2008) explora essa proximidade como um critério de seleção de notícias pelos jornalistas. Dessa forma, a aproximação do conteúdo com a região geográfica e cultural é fator importante na escolha de um acontecimento noticiável. Isto porque as histórias que tenham algum interesse humano local acabam chamando a atenção do público que assiste ao telejornal e vê seu município ou região representados na programação.

O materialismo surge, neste aspecto, como uma resposta ou reivindicação da crítica histórica e cultural aos desdobramentos reais que fazem parte do desenvolvimento dos meios e das relações sociais por eles afetadas. Da mesma maneira como a televisão evoluiu historicamente, sejam as tecnologias empregadas, as linguagens ou os recursos utilizados nas produções, as sociedades, as instituições culturais também mudam ao longo do tempo.

Não há como pensar a televisão, e os demais meios de comunicação midiática, separados da cultura. Kellner (2001, p.54) complementa essa visão, quando afirma que “[...] a nossa é uma cultura da mídia, que a mídia colonizou a cultura, que ela constitui o principal veículo de distribuição e disseminação da cultura”. Além de mediadora social, a mídia produz também significados, e estes se dão na história e na cultura.



Considerações finais

Nada se constrói por acaso e o tempo presente não é outra coisa senão o resultado de ações já passadas. Falando da televisão, a interpretação não é diferente. Conhecer os percursos traçados desde o seu início contribui para que possamos ampliar a compreensão que temos do meio.

Esta compreensão passa também pelo contexto sócio histórico, político e econômico, como preconiza o materialismo cultural de Williams. O presente é resultado de experiências de vida, de crenças e valores que resistem ao tempo, que sofrem mudanças no decorrer das épocas em que estão inseridos, como também podem significar um rompimento com o que está imposto, apontando para novos direcionamentos.

No âmbito da televisão regional, isto pode ser percebido a partir do momento em que a emissora procura se aproximar do telespectador. É na vida cotidiana, na experiência, que a mídia opera, seja filtrando ou moldando realidades, contribuindo para a produção e/ou afirmação do senso comum, seja reproduzindo ou conduzindo a vida diária por meio das representações que escolhe. Regionalmente, através da proximidade que procura demonstrar com o público, a televisão se torna parte da cultura.

Referências

BAZI, R. E. R. **TV Regional: trajetória e perspectivas**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

CEVASCO, Maria Elisa. **Para ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

COUTINHO, I. **Telejornalismo e identidade em emissoras locais: a construção de contratos de pertencimento**. IN: VIZEU, A. (Org.) *A sociedade do telejornalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CRUZ, F. S. da. **A cultura da mídia no Rio Grande do Sul: o caso MST e o Jornal do Almoço**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2006. Tese – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt/pag/cruz-fabio-cultura-da-midia.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2014.



50 anos do Golpe Militar de 64

*"A história que a mídia faz,
conta ou não conta"*

CURADO, O. **A notícia na TV: o dia-a-dia de quem faz telejornalismo.** São Paulo: Alegro, 2002.

FINGER, C. **Os 50 anos de história da televisão no Rio Grande do Sul.** RUA. Revista Universitária do Audiovisual, v. 1, p. 1-5, 2009. Disponível em: <<http://www.rua.ufscar.br/site/?p=2506>>. Acesso em: 26 jan. 2014

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia.** Bauru, SP: EDUSC, 2001.

PATERNOSTRO, V. Í. **O texto na TV: manual de telejornalismo.** 2.ed., rev. e atualizada. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

SACKIS, L. C. P. **RBS TV Santa Rosa 20 anos: histórias e bastidores.** 1.ed. Santa Rosa: Coli Gráfica e Editora Ltda, 2012.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional.** Florianópolis: Insular, v.2, 2. ed., 2008.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.